

V!RUS

Revista do Nomads.usp
Nomads.usp Journal
ISSN 2175- 974X

desenhando coexistência | designing coexistence | sem 2-10

Como citar esse texto: GRASSMUCK, V. R. *Espaços compartilhados*. Tradução Eduardo Lourenço da Costa. **V!RUS**, São Carlos, n. 4, dez 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=5>> Acesso em: dd mm aa

Espaços compartilhados

Volker Ralf Grassmuck

Volker Grassmuck é sociólogo alemão e pesquisador de mídias, Doutor em História da Mídia no Japão e pesquisador de mídias digitais. Trabalhou como video-editor para ABC News, Radio Japan e NHK, e foi pesquisador convidado em várias universidades como a Universidade de São Paulo, a Universidade de Leipzig e a Universidade de Tóquio.

Quando estive recentemente em um albergue da juventude em Paranaguá, Paraná, Brasil, um aviso em uma das salas me chamou a atenção. Ele dizia: "Sala de Convivência", com a tradução em inglês abaixo: "Room to Coexist". Com alguns sofás e três computadores conectados à Internet, a sala serve àqueles que gostam de compartilhar o mesmo espaço físico e, ao mesmo tempo, aqueles que desejam permanecer "em contato" – através do contato com um teclado - com amigos em sua caixa de email, no Orkut, Facebook, Twitter ou em qualquer outro lugar na internet.

O dicionário Michaelis Inglês-Português traduz o inglês "coexistence" como "coexistência", enquanto o verbete "convivência" quer dizer, em inglês: "1 ato ou resultado de viver em sociedade. 2 companhia, camaradagem. 3 amizade. 4 familiaridade, intimidade. 5 sociabilidade."

Ele portanto abrange a totalidade de relações, passando pela intimidade de um casal através da companhia de amigos, até o convívio em sociedade. Enquanto os dois primeiros conceitos podem compartilhar sofás, a sociedade, na definição de Benedict Anderson, é uma "Comunidade Imaginada" (1983) costurada pelos jornais e símbolos de império. Graças à Internet, os três se tornaram verdadeiramente globais. Posso compartilhar momentos íntimos



com aqueles que amo através do Skype, em qualquer lugar que estejam no planeta, excluindo o toque, mas incluindo a entonação de nossas vozes e olhares, que dizem mais do que mil palavras. Companheiros, colegas e conhecidos distantes também são parte de minha vida diária, desde os rastros que deixam em minhas páginas de redes sociais aos extensos e fervorosos debates *online*. Nenhum homem é uma ilha.

A comunidade imaginada por Anderson é o estado-nação que emergiu no século XIX. Milhões de indivíduos imaginando-se a si mesmos como parte de uma mesma fraternidade é quintessencialmente um efeito da mídia. O capitalismo impresso permitiu uma enxurrada de publicações vernaculares, unificando, assim, e pela primeira vez, uma língua nacional abaixo da elitista *lingua franca* Latina e acima de dialetos locais, constituindo um discurso comum. Notavelmente, o símbolo essencial de nação, para Anderson, é estar disposto a morrer por ela. Ele se constitui, portanto, em contraste e conflito com outras nações.

Uma investigação do espaço global de conhecimento sobre o uso da palavra “coexistência” imediatamente nos conduz ao seu oposto: antagonismo hostil, como nas lutas de classe e na Guerra Fria. Em 1953, China e Índia propuseram os Cinco Princípios de Coexistência Pacífica, que incluíam não-agressão mútua e não-interferência um nos assuntos internos do outro. Tibet era o problema na época, e ainda o é. Che Guevara, em seu discurso de 1964 às Nações Unidas, proclamou: “Como marxistas, sustentamos que essa coexistência pacífica entre nações não contempla a coexistência entre exploradores e explorados, entre opressores e oprimidos.” Apelos pela “coexistência pacífica” são feitos onde ela está ausente, como por exemplo no Oriente Médio.¹

Hoje, o estado-nação continua sendo uma unidade importante, tanto quanto a cidade ou a vizinhança. Mas acima de tudo, a globalidade emergiu. As Nações Unidas, a coordenação do sistema de financiamento global, o tráfego aéreo internacional – muitos elementos a alimentam. Mas assim como as tecnologias de mídias do século XIX fizeram emergir o estado-nação, as tecnologias de telecomunicação do século XX e, especificamente, a Internet do século XXI foram decisivas na constituição de uma sociedade global. Isso nos faz imaginar a nós mesmos compartilhando o planeta com os outros sete bilhões de indivíduos. E faz-nos perceber que estamos todos confrontados pelos mesmos desafios globais, do aquecimento global e do pico do petróleo causados pelo homem ao sistema de conhecimento digital cuja regulação territorial é cada vez mais assíncrona em relação às realidades globais.

Como então alguém desenha coexistência? Dois exemplos. Vivendo em São Paulo, não posso deixar de perceber o antagonismo entre motoristas e pedestres. Contando todas as vezes em que escapei por pouco de ser atropelado, posso dizer que é um antagonismo mortal.



¹ Por exemplo, a exibição “Coexistência” traz a mensagem universal de diversidade e aceitação do outro à comunidade mundial: <http://www.coexistence.art.museum/Coex/Index.asp>

Uma solução impressionante foi desenhada pelo engenheiro de tráfico holandês Hans Monderman. O senso comum nos diz que pessoas armadas com veículos de cem cavalos de potência e que frequentemente pensam que possuem o direito de passagem e, às vezes, até mesmo uma licença para matar, precisam ser civilizadas por regras e controles. Monderman enfrentou pontos quentes de acidentes de tráfico onde todos os instrumentos habituais já estavam sendo utilizados: faixas separadas para carros, bicicletas e pedestres, sinais, semáforos, etc.. O senso comum nos diz que, se os instrumentos existentes não são suficientes para prevenir acidentes, então mais deles são necessários. Monderman fez o oposto. Ele removeu todos eles e chamou esses locais de "Espaços Compartilhados"². Esta medida inteiramente contra-intuitiva teve efeitos surpreendentes. Sem regras externas, os protagonistas do tráfico têm que fazer contato visual e negociar *ad hoc* quem passa primeiro. O resultado é: maior consideração de cada um, maior polidez e civilidade, e – nenhum acidente. Insegurança cria segurança. Seu ditado era: "Se você trata as pessoas como idiotas, elas irão se comportar como idiotas. Sempre assuma que elas têm inteligência". Depois de ser ridicularizado por aqueles incapazes de pensar fora dos padrões, os "Espaços Compartilhados" de Monderman estão agora sendo implementados por toda a Europa e o mundo. Será que funcionariam no Brasil? Não tenho certeza, mas certamente vale a pena tentar.

Meu segundo exemplo é sobre direitos autorais. O antagonismo aqui é entre uma indústria que gera receitas provendo acesso aos trabalhos de um autor e fornecendo-os apenas sob condição de pagamento, e um público que a revolução digital fortaleceu globalmente para redistribuir obras entre si, sem a necessidade de uma indústria. O declínio do CD de música coincide com a chegada dos sistemas de compartilhamento de arquivos *peer-to-peer*. A intuição sugere que o segundo é a causa do primeiro. Movida por esta intuição, a indústria tem exigido cada vez mais instrumentos de repressão, e os políticos os têm concedido.

Enquanto escrevo isto, os primeiros avisos estão sendo enviados, na França, para pessoas acusadas de infringir direitos autorais. Este é o primeiro passo no esquema "no terceiro aviso você está fora", formalmente conhecido como a lei HADOPI. Ele deve ser seguido de um segundo aviso, e se a pessoa continuar a compartilhar arquivos, ela será excluída da Internet por até um ano.³ O modelo foi inventado pela associação internacional das quatro maiores gravadoras (IFPI) e tornou-se lei primeiro na França, depois na Coreia do Sul e Taiwan, e está sendo invocada em muitos países, dentre eles o Brasil, incluindo tão controverso "Acordo Comercial Anticontrafação" (ACTA). Ações judiciais contra mais de 100.000 indivíduos em todo o mundo, apreensão de domínios de *sites* acusados de infração e medidas técnicas como a Inspeção Profunda de Pacotes (DPI) e filtragem da Internet são medidas na "guerra contra o compartilhamento".



² http://pt.wikipedia.org/wiki/Espa%C3%A7o_compartilhado

³ <http://idgnow.uol.com.br/internet/2010/09/23/franca-comeca-a-201ccacar201d-internautes-que-realizam-downloads-ilegais/>

Como quase todos os especialistas concordam, essa repressão é inútil. A única maneira de finalizar essa guerra é legalizando o compartilhamento de arquivos em troca de uma taxa sobre o acesso à internet de banda larga. Sob o lema "Compartilhamento legal! R\$ 3,00 de todos para tudo", uma iniciativa da academia, direito, música e cultura desenvolveu essa proposta no Brasil.⁴ Nós apresentamos a Licença de Compartilhamento quando da reforma das leis de direitos autorais e iniciamos nossa campanha por ela. Ela não se refere apenas ao compartilhamento de arquivos. Mais importante, ela reconhece a Internet como um espaço global compartilhado. Um espaço onde artistas compartilham livremente seus trabalhos com todos, e todos compartilham uma pequena quantia de dinheiro com os artistas para permitir-lhes criar mais.

Resumindo, precisamos questionar nossas intuições formadas na era analógica. Na maioria das vezes elas não se aplicam ao meio digital. Precisamos parar de desenhar sistemas que tratam pessoas como idiotas e antagonistas. Precisamos migrar de um senso comum para um *Commons Sense*. Se tratarmos uns aos outros como parceiros, nos comportaremos como parceiros. "Coexistência" quer dizer: "Eu existo aqui, você existe aí, vamos concordar em não matarmos um ao outro". Em contraste, "Compartilhamento" quer dizer: "Temos algo a dar um ao outro. Quando cooperamos, podemos realizar algo muito maior do que se tentarmos sozinhos".

⁴ <http://www.compartilhamentolegal.org/>